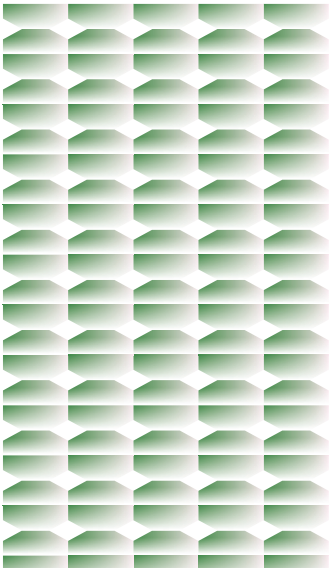
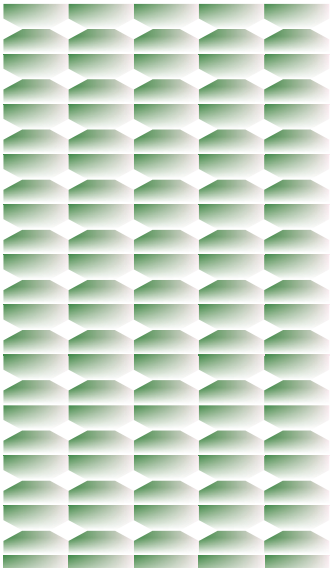


DOSSIÊ



Antes, perguntar!

Possível diálogo com Ciro Marcondes

Ask first!
Possible dialogue with Ciro Marcondes

¡Antes, pregunta!
Posible diálogo con Ciro Marcondes

Lucrecia D'Alessio Ferrara

Pontifícia Universidade Católica - PUC-SP
<ldferrara@hotmail.com>

Resumo

Este texto em homenagem ao Professor Ciro Marcondes ressalta as características que faziam de Ciro um pesquisador da comunicação no sentido pleno do termo, sempre mais inclinado às dúvidas e às interrogações do que às certezas. São inúmeros questionamentos suscitados pela obra de Ciro, verdadeiros estimulantes de um processo dialógico que os professores estabeleceram nos últimos anos, pautados pelas perguntas da comunicação, sobretudo no questionamento de como a comunicação, enquanto acontecimento, nos faz pensar.

Palavras-chave: Ciro Marcondes Filho. Nova Teoria da Comunicação. Acontecimento Comunicacional.

Abstract

This text in honor of Professor Ciro Marcondes highlights the characteristics that made Ciro a communication researcher in the full sense of the term, always more inclined to doubts and questions than to certainties. There are countless questions raised by Ciro's work, true stimulants of a dialogic process that teachers have established in recent years, guided by the questions of communication, especially in the questioning of how communication, as an event, makes us think.

Keywords: New Theory of Communication. Communicational Event.

Resumen

Este texto en honor al profesor Ciro Marcondes destaca las características que hicieron de Ciro un investigador de la comunicación en el pleno sentido del término, siempre más inclinado a las dudas y preguntas que a las certezas. Son innumerables las preguntas que suscita la obra de Ciro, verdaderos estimulantes de un proceso dialógico que los docentes han instaurado en los últimos años, guiados por las cuestiones de la comunicación, especialmente en el cuestionamiento de cómo la comunicación, como acontecimiento, nos hace pensar.

Palabras clave: Ciro Marcondes Filho. Nueva Teoría de la Comunicación. Evento Comunicacional.

1. Das coisas que nos fazem pensar

Meu convívio mais intenso com Ciro decorre de encontros em várias atividades acadêmicas (congressos, diálogos informais, defesas de teses e/ou dissertações, inúmeros cafés, jantares e vinhos) desenvolvidas nos últimos 10 ou 15 anos. Nesse tempo, tivemos a oportunidade de partilhar pontos de vista, certezas e incertezas, mas sobretudo perguntas. Um, dentre os inúmeros trabalhos de Ciro publicados naquele período tem como título: *Das Coisas Que Nos Fazem Pensar*.

Esse título sugere pensar que se trata de uma declaração/confissão definitiva à moda de uma conclusão que decorre de muitas dúvidas existenciais, mas também é possível pensar que se trata de uma interrogação. E por que me ocorre pensar que se trata de uma interrogação? Naqueles encontros, **Ciro** propunha aos seus interlocutores inúmeras interrogações que estimulavam conversas carregadas de sugestões ou consistiam em arguta estratégia para estimular o debate sobre inúmeros temas. Esse interesse constituía a razão pela qual aqueles encontros se justificavam e, com eles, colocava-se em ação a necessidade de perguntar. O pesquisador desconfia do que sabe, por isso pergunta. **Ciro** foi um pesquisador.

Quero ver naquele título uma interrogação. Enquanto o divulgador propõe respostas que, travestidas de teorias, constituem sempre certezas que dispensam interrogações – por que se apresentam como soluções de problemas gerais sem tempo ou geografia e, sobretudo,

Ciro foi um pesquisador, um inquisidor que dúvida das explicações e das certezas, daí nos aproximarmos da sua obra como uma interrogação e, à sua maneira, cabe-nos transformar o título da obra em interrogação: *Que Coisas Nos Fazem Pensar?*

sem contextos culturais ou mentais –, a atividade do pesquisador é, antes de tudo, interrogar e duvidar. Toda teoria é uma certeza, uma totalidade que se apresenta como eco de um mundo sob controle. A certeza ecoa nos comportamentos, nos valores, na comunicação entre indivíduos e entre os povos como certezas teóricas e, sobretudo, como afirmações irrevogáveis, embora, não raro, sugira desencontros, embates entre mentes e combates entre povos que supõem interesses, mas se apresentam como interessados.

Ao contrário de um divulgador, porque sempre duvidou das totalidades, **Ciro** foi um pesquisador, um inquisidor que dúvida das explicações e das certezas, daí nos aproximarmos da sua obra como uma interrogação e, à sua maneira, cabe-nos transformar o título da obra em interrogação: *Que Coisas Nos Fazem Pensar?*

A própria montagem desse texto sugere perguntas: trata-se de um conjunto de interlocuções de **Ciro** com vários pesquisadores com os quais trabalhou ou foram contemporâneos das suas dúvidas. A montagem dessa

obra apresenta, além dos múltiplos e variados temas de conversa, o clima das interlocuções feitas de parágrafos comentados e, naturalmente, os detalhes das perguntas que **Ciro** formulou ou gostaria de ter formulado aos seus interlocutores. Ou seja, a própria montagem sugere a indagação como chave-mestra de uma interrogação perene, e sempre em processo.

Perguntas geram perguntas e, se quisermos ser pesquisadores, precisamos cultivar a flexibilidade que nos leva a perguntar, pois quem pergunta permanece entre certezas e dúvidas e, como toda procura de um caminho, aquele que pergunta sabe-se em trânsito, e daí surgem outra dúvida e outra pergunta. O título do trabalho de **Ciro** e o título da obra que sugeriram este texto e seu possível interesse levam-nos a outra pergunta: **Que coisas fizeram **Ciro** pensar?**

Essas coisas nortearão este texto, proposto como abertura para um diálogo entre dúvidas, elaboradas ou suspensas nos trabalhos de um pesquisador dedicado e afeiçoado às interrogações que o faziam pensar. Este texto procura uma partilha entre dúvidas.

2. As perguntas da comunicação

Se atravessarmos as teorias da comunicação e se as percorrermos nas suas transversalidades, verificaremos que há perguntas básicas que a comunicação faz aos seus pesquisadores: Que é comunicação? Ou como a comunicação se comunica? Ou ainda, aquela pergunta que subjaz às duas anteriores: Para que serve a comunicação?

As décadas de 1940 ou 1950 foram marcadas pela atmosfera intelectual e emocional que convulsionava o contexto pós-Segunda Guerra Mundial. Naquele período, teóricos norte-americanos ou não, mas os habitantes dos Estados Unidos que, àquela época, se apresentavam como o único lugar seguro no mundo e onde ainda era possível pensar, foram quase unânimes em afirmar que a comunicação era um instrumento competente tecnologicamente, que servia para fazer chegar a mensagem a um receptor incógnito, anônimo e, sobretudo, obediente à autoridade do que se dizia. Criava-se uma pretendida unanimidade, responsável pelo que se pensava e, sobretudo, pelo que era indispensável fazer. A comunicação era um instrumento e, portanto, uma utilidade nas mãos de um emissor competente em se fazer ouvir e, sobretudo, estimular um comportamento politicamente interessado. Esse caráter utilitário levou a entender que a comunicação era uma utilidade instrumental e seu objetivo era chegar a uma transmissão.

A década de 1960 reduziu essa resposta a uma banalidade e a pergunta se refez e deu continuidade à dúvida: a comunicação seria um instrumento de aprendizagem? Mas como poderíamos aprender por meio da comunicação?

A resposta veio rápida através de Bateson. Embora Ciro não se referisse a esse autor, Bateson migrou da antropologia para a comunicação e projetou o conceito de vínculo que viria a desempenhar papel relevante entre as dúvidas, porque aprender a aprender é admitir que, para saber, é possível e necessário duvidar! O conceito de duplo vínculo proposto por esse autor surge como entropia, que admite a dúvida como forma de saber.

Passou-se a pensar que era necessário aprender a aprender e a comunicação seria um eficiente professor que poderia ensinar a alcançar certezas, mas, àquela época, todo ambiente vivido se fazia incerto e duvidoso, embora em flagrante estágio de mudança.

Era necessário, no entanto, aprender para saber como mudar, e aquele estágio de mudança parecia desconfortável, embora definitivo, porque se procurava uma resposta da qual não se poderia duvidar. Procurava-se uma certeza, enquanto o mundo duvidava de si mesmo e das suas proezas. No vértice daquele ambiente, procurava-se aprender com a experiência da dúvida e suas respostas ambivalentes. Nesse estágio, a resposta também surge rápida: a comunicação era uma experiência que levava a aprender, pois ensinava a não duvidar dela, porque ainda era possível ter uma experiência na qual era possível acreditar.

Essa aprendizagem mediante a experiência que ensinava a produzir certezas marcou a atmosfera intelectual vivida por **Ciro** e por aqueles que compartilharam a experiência de ensinar: O que é comunicação, como nos comunicamos e, sobretudo, para que serve a comunicação? Comunicávamos, nos comunicávamos, e assim acreditávamos, porque suportes tecnológicos nos davam a garantia de êxito. A comunicação era um saber fazer, um saber comunicar através de um modo técnico de ser, e a comunicação resumia-se a conviver com um meio técnico que se apresentava totalizante na sua eficiência e nos ensinava a desenvolver aptidões operacionais da tecnologia. Desenvolvendo a competência operacional de uma técnica, acreditava-se ser possível transformar o comunicar em uma evidência.

Enquanto fenômeno que desarranja nossas certezas, a comunicação acontece na medida em que nos leva a pensar; portanto, a comunicação é um acontecimento e seu efeito é nos fazer pensar e produzir uma transformação.

A comunicação como tecnologia reduzia o aprender mediante a experiência a uma habilidade ou performance sugestiva da capacidade da comunicação, que se tornava mais simples através do ambiente construído pela eletrônica e pelo digital. Comunicava-se por um meio que exauria a própria comunicação como forma de pensar: ela era uma forma de desenvolver uma competência aderente a um meio técnico; era uma tecnologia. **Ciro** estava atento a essa vertente e, na inquietude do seu pensar como dúvida, sugere uma nova teoria da comunicação. **Ciro** ousava propor uma espécie de desconstrução daquilo que estava sedimentado desde a Universidade de Columbia e, sobretudo, com a Teoria Matemática da Informação de Shannon e o famoso *feedback* de Wiener.

3. As perguntas de **Ciro**

Mas por que seria nova a comunicação? O que a inovaria? Um novo meio, outra técnica? Outra utilidade, porque outros eram os interesses ou porque, agora, a comunicação exigia o desenvolvimento de pesquisas? Porém, era necessário perguntar para ser possível pesquisar: a pesquisa impunha fazer perguntas que exigiam respostas, decorrentes de dúvidas? Surgem as pesquisas coletivas, as perguntas partilhadas e os grandes centros de dúvidas estavam configurados nos Grupos de Pesquisa. Surge o FiloCom, entre outros.

Esse ambiente de dúvida foi aquele no qual convivemos com **Ciro** nas inúmeras e, cada vez mais frequentes, oportunidades de compartilhar certezas e dúvidas: surgem os seminários de pesquisa que nos mantinham reclusos em lugares privilegiados, para que dúvidas e perguntas nascessem revigoradas e, sobretudo, partilhadas. Na dinâmica dessas trocas, acreditávamos na comunicação, na medida mesma em que éramos capazes de interrogar sua natureza ou seu modo de ser. As respostas surgiam como certezas indubitáveis e passamos a perguntar não mais “Que é comunicação?”, mas “Como a comunicação nos faz

pensar?” . Despontam, no horizonte, os inevitáveis interesses epistemológicos da comunicação no sentido de torná-la uma área científica com um inequívoco DNA no território das Ciências Humanas. Estávamos em novo século, nossos encontros tornaram-se cada vez mais frequentes, porque as certezas perdiam sua eficiência com rapidez. Os conceitos já não levavam a partilhar certezas, só havia dúvidas, não apenas sobre a pergunta anterior, mas sobre o viver, cada vez mais incerto e sugestivo de uma pergunta incessante e, não nos iludamos, sem certezas definitivas: eram respostas apenas possíveis e, certamente, parciais; viver em dúvida era o cotidiano. *Ciro* sabia disso e afirmava:

O saber vai mudando o tempo todo, se alterando, se adaptando às condições, rejeitando formulações defasadas, ultrapassadas, e incorporando novas visões, especialmente na dinâmica em que vivemos nos dias de hoje, que é tão exagerada e exige constantes reformulações. (MARCONDES FILHO, 2019, p. 17).

Para *Ciro*, a comunicação é um fenômeno, uma imersão, um acontecimento comunicacional portanto, é um fenômeno que nos desestabiliza e, como consequência, nos aciona:

[...] a comunicação não é uma ação passiva no sentido de um compartilhar um repassar, um transferir alguma coisa, mas um tipo de vivência, uma experiência, um acontecimento, uma imersão. Ou seja, a comunicação ou acontecimento comunicacional – talvez o termo mais apropriado – é um fenômeno, ela tem a capacidade de nos desarranjar, de nos desestabilizar, de provocar e, através disso, nos levar a pensar, nos incomodar. (MARCONDES FILHO, 2019, p. 19).

Enquanto fenômeno que desarranja nossas certezas, a comunicação acontece na medida em que nos leva a pensar; portanto, a comunicação é um acontecimento e seu efeito é nos fazer pensar e produzir uma transformação. A comunicação parecia ser uma mudança no modo de pensar, fazia parte de nossa existência e era absorvida como parte da nossa subjetividade, ou melhor, da nossa identidade.

A comunicação passa a ser vista como uma nova entidade existencial e subjetiva, com ou sem intencionalidade de provocar essa reação. Nesse sentido, o acontecimento comunicacional poderia nos transformar afetiva e emocionalmente, mas na constância dessa dinâmica, reduzia-se a cada nova experiência e estabelecia-se como contínuos e instáveis objetos científicos da comunicação feita de mudanças que, sempre novos, abalam nossa maneira de pensar. A nova teoria da comunicação alimentava-se de mudanças e essas transformações constituíam fenômenos que faziam *Ciro* pensar. Um pensar constante e, nele, a comunicação cria seu próprio tempo:

A diferença do fato comunicacional para o fato histórico ou arqueológico é que ele não trabalha com o passado, mas detém-se no presente e tampouco transcende para projeções futuras. O fenômeno da comunicação é descrito na sua ocorrência pontual, daí não

incorrer nos equívocos das leituras explicativas do passado, nem nas projeções necessariamente parciais e provisórias do futuro. (MARCONDES FILHO, 2014, p. 142).

Porém, as transformações desse tempo presente poderiam ter um propósito mais amplo e atingir uma coletividade, levando-a a transformar-se e passar da ação como experiência à reação como nova comunicação. Porém, para **Ciro**, essas transformações são de menor ordem, pois não têm a capacidade de alterar subjetividades, ou seja, são transformações subexistenciais, porque coletivas e incapazes de ser percebidas nos comportamentos; por promover ações coletivas que ficam aquém das mudanças pessoais, a

A Nova Teoria da Comunicação como acontecimento era da ordem das coisas que faziam **Ciro pensar. Coisas que levavam **Ciro** a procurar respostas para suas dúvidas sobre a natureza da comunicação, ou sobre aquilo para que serve a comunicação.**

comunicação era, sobretudo, reativa. O acontecimento comunicacional exigia que fosse percebido como mudança que, superando o plano individual, pudesse atingir o coletivo, ou seja, sendo comunicativo, aquele acontecimento exigia ser percebido como reação que levasse a pensar:

Para acontecer a comunicação é preciso uma ocorrência muito mais ambiciosa em termos qualitativos, ou seja, ela tem de mexer com minhas próprias concepções de mundo [...]. (MARCONDES FILHO, 2019, p. 20).

Sem expressões, sem termos, a comunicação é apenas essa vontade de perder-se nas coisas místicas ou mágicas. É a própria experiência que comunica, ela perpassa a todos, todos a sentem, é algo que os atravessa. (MARCONDES FILHO, 2014, p. 160).

A Nova Teoria da Comunicação como acontecimento era da ordem das coisas que faziam **Ciro** pensar. Coisas que levavam **Ciro** a procurar respostas para suas dúvidas sobre a natureza da comunicação, ou sobre aquilo para que serve a comunicação. O pensar era uma forma de encontrar respostas, ainda que passageiras ou momentâneas; dessa forma **Ciro** entendia sua maneira de pesquisar, construir uma episteme da comunicação feita de esperanças que escondiam o temor ou desconforto que envolve toda dúvida:

Naturalmente, a comunicação não vinga se não há esse reservatório de expectativas, medos, desejos difusos, como moléculas entrópicas sujeitas a uma inesperada organização, dirigindo-se a uma meta determinada. No fenômeno brasileiro das Diretas-já, esse somatório de pressões populares atingiu um ápice e reativou uma força social jamais conhecida. No social está a energia, nos meios de comunicação a função fundadora, no acontecimento-apropriação, a síntese processual. (MARCONDES FILHO, 2010, p. 115).

Tratava-se, sempre, de uma episteme que exige tempo para maturar, uma incubação no tempo e a partir dele, a fim de ser possível constatar a transformação em nós mesmos ou, em melhor edição, através do outro. Para esse resultado no tempo e através dele, Ciro buscou apoio em Lévinas que, ao lado de Bataille, foi autor de constante parceria nos últimos anos. Especular sobre os indícios que o outro revela no rosto pode estender-se no tempo e passar a ser um espectro de futuro, responsável por nos levar ao infinito, ou além dele. No tempo presente ou no seu durante, a comunicação poderia ser uma iluminação. A comunicação ultrapassava o estreito resultado de uma reação, para tornar-se uma interação.

Mas a instância desse pensar despertado pelo acontecimento é um limite do pensamento ou uma submissão ao pensar como potência, inerente ao homem, mas assinalada pela coragem ou pela tenacidade da insistência que pergunta. Daí seu necessário registro temporal através das palavras, do discurso e de tudo aquilo que nomeia, para ser possível definir. Mas a definição pode transformar o formado, tornando-o inacessível, acendendo outra vez a dúvida e a necessidade de perguntar, transformada em um quase-método denominado metáporo, que responde ao colocar a pergunta muito além da dúvida ou situando-a aquém do acontecimento comunicacional. Para superar essa ameaça era necessário ter coragem para descrever a dúvida: essa estratégia consistia em contornar a dúvida a fim de torná-la tangível.

O relato metapórico [...] aproxima-se da produção literária, na qual se tenta atingir certa qualidade estética e artística, necessária para que o leitor faça uma imersão plena na realidade que está sendo descrita [...]. A preocupação é fazer o leitor sentir junto [...] A intenção de relato metapórico não é, ele próprio, tornar-se um acontecimento comunicacional, mas descrevê-lo [...]. (MARCONDES FILHO, 2014, p. 142-143).

Com essa estratégia, a comunicação salvava sua dimensão cognitiva na medida em que se registrava e, pela descrição, levava a descobrir ou produzir um acontecimento!

4. A Ciro, as minhas perguntas

O que pulsa na episteme da comunicação proposta por Ciro Marcondes é o conceito de acontecimento comunicacional, ou aquilo que ocorre distraído e sem rumores através de descrições. Entretanto, nelas, desenham-se rastros e efeitos da ocorrência de um acontecimento. Ou seja, acontecimento é quase outro nome para a comunicação que, difícil e sem tempo certo, se dá a conhecer por seus efeitos descritivos que marcam a sensibilidade e a existência daqueles que se expõem ao acontecimento como comunicação.

Nesse sentido, o acontecimento faz-se notar por seus efeitos registrados pela descrição, mas esses efeitos não são análogos àqueles apontados e teorizados pela Teoria da Comunicação dos anos 1940 e 1950. Ao contrário, o efeito do acontecimento comunicacional proposto por Ciro é aquele que produz resultados na subjetividade do próprio sujeito e o faz acontecer como sujeito do conhecimento, ainda que através da descrição produzida nas fronteiras de um metáporo.

O acontecimento comunicacional reapresenta a célebre Teoria dos Efeitos, mas com foco filosófico de matriz fenomenológico-existencial: atua na sensibilidade do seu 'inter-ator', fazendo-o outro, transformando-o e complementando sua inteireza sensível-emocional e, parece, é capaz de torná-lo melhor, por fazê-lo usufruir da possibilidade de aprender com a experiência que o próprio acontecimento produz e provoca: o acontecimento é o protagonista de "um mundo onde as coisas acontecem e atravessam" (MARCONDES FILHO, 2014, p. 68).

Ou seja, o acontecimento ocorre, mas não somos responsáveis por ele, nos atravessa, mas não é possível descrever a inteireza da sua estrutura e, muito menos, suas possíveis estruturalidades ou materialidades. Atravessa-nos pela descrição metapórica e assim nos atinge, mas não somos capazes de apreender suas configurações ou, sobretudo, de prever seu efeito porque, sorrateiro, ocorre em um tempo presente que, passageiro e rápido, nos faz duvidar do seu acontecer que parece infinito e não admite dúvida, portanto, não nos sobra tempo para perguntar: que acontecimento é esse? Qual é a comunicação que o acompanha? O que ela nos transmite? Como se comunica o acontecimento comunicacional?

Um título que nada perguntava, pois se pretendia desenvolver, conforme o próprio **Ciro formulou: "um trabalho de fundamentação científica: marco da maioria de um saber que, até então, caminha em busca de sua identidade epistemológica".**

Imanente, antes de tudo, o acontecimento só se faz ver através da descrição metapórica que lhe permite descrever e, através dele, criar outro mundo: "Não sendo um fato 'intramundo', o acontecimento 'abre um mundo' mais além de qualquer projeto" (MARCONDES FILHO, 2014, p. 69).

O acontecimento é um outro do sujeito comunicante, seu espectro desejável ou desejado, porque capaz de melhorar a vontade de ser comunicante. Esse devir/presente é o tempo do acontecimento, mas como reconhecê-lo, antes ou depois de ser? Como a episteme da comunicação pode ser um acontecimento que se subtrai à pesquisa e ao conhecimento?

De que imanência estamos falando, se não lhe podemos discernir os contornos fenomenológicos? Embora seu efeito seja reconhecido pelos tênues contornos de uma fenomenologia da existência do sujeito, por que o abalo do acontecimento atravessa aquele sujeito na sua própria carne? O acontecimento se faz conhecer por si próprio ou pelos seus efeitos? Nesse caso, não seria o acontecimento o efeito de uma intencionalidade comunicacional? Ou seria, antes, uma ação epistemológica que faz acontecer o acontecimento à maneira de uma reação ao impensável? Ou seria "uma realização possível do impossível... e seu excedente de sentido" um possível sentido absolutamente novo e sobre o qual não há como ou o que suspeitar? (MARCONDES FILHO, 2014, p. 74). O acontecimento comunicacional

proporia um dever comunicativo ou um tempo insuspeito e ainda por vir? Essas podem ser as perguntas que teria feito a Ciro em algum encontro acadêmico ocorrido ou a ocorrer, se Ciro puder ser representado pelos seus interlocutores.

Além dessas perguntas, sua obra sugere outras dúvidas que exigem outras perguntas. Como será possível estudar o acontecimento que, embora imanente, não é histórico, pois não se confunde com um evento? Ou o acontecimento comunicacional seria uma virtualidade, passível de ser reconhecida nos seus efeitos e, sobretudo, através da crença em uma justa e possível relação de causa e efeito? Ou o acontecimento comunicacional só seria passível de investigação se apreendido nas sutilezas de uma descrição que pode levar a descobrir o descoberto pela descrição ou através da sutileza de um quase-método de incertezas, protagonizado pelo metáforo? Que método Ciro utilizava ou aconselhava utilizar? Que comunicação poderemos ainda descobrir através do acontecimento? Podemos ou devemos ‘acontecimentalizar’ o acontecimento para fazê-lo acontecer? Ou haveria na proposta daquele método um convite à investigação ou um aceno ao risco da descoberta que poderá ir além do acontecimento? Perguntas que gostaria de ter feito a Ciro, mas que sua obra ainda sugere fazer!

5. Ainda uma pergunta

Em novembro de 2019, Ciro Marcondes propôs, a vários pesquisadores da área e à Fapesp, o desenvolvimento de um projeto de pesquisa temático que tinha como título: *Tragédias Políticas: um problema da comunicação*.

Um título que nada perguntava, pois se pretendia desenvolver, conforme o próprio Ciro formulou: “um trabalho de fundamentação científica: marco da maioria de um saber que, até então, caminha em busca de sua identidade epistemológica”. Partindo da reflexão de um pesquisador, a ausência de pergunta era inquietante. Mas foi apenas uma proposta incisiva: correspondia à atmosfera problemática e interrogante de um país aturdido por um ambiente povoado pela desinformação que, antiética, era sobretudo falsa: uma mentira admitida e admissível. Acreditamos, porque é necessário acreditar em alguma coisa! Um ambiente que exigia ser agitado pela pesquisa e pela urgente necessidade de respostas que, segundo Ciro, a área de comunicação poderia e deveria apresentar.

Finalmente, a ciência ousava perguntar que papel cabe à comunicação desempenhar no âmbito social, cultural e político de uma nação. A comunicação ainda não sabe qual é seu papel e os interlocutores de Ciro estão reunidos em clima de urgência. A pergunta que Ciro nos instigava a formular ficou e continua sem resposta, mas Ciro continua a nos desafiar a fazer uma pergunta: embora saibamos que as respostas não serão definitivas, acredita-se que o diálogo entre perguntas permanece e acontece!

Referências bibliográficas

MARCONDES FILHO, Ciro. *O Princípio da Razão Durante Comunicação para os antigos, a fenomenologia e o bergsonismo*. São Paulo: Paulus, 2010.

MARCONDES FILHO, **Ciro**. **Das coisas que nos fazem pensar**. O debate sobre a Nova Teoria da Comunicação. São Paulo: Ideias & Letras, 2014

MARCONDES FILHO, **Ciro**. A Questão da Comunicação. **PAULUS – Revista de Comunicação da FAPCOM**, v. 3, n. 5, jan./jul., 2019, São Paulo: Fapcom

 Data do recebimento: 28/04/2022

Data do aceite: 15/05/2022

Dados do autor:

Lucrecia D'Alessio Ferrara

<http://lattes.cnpq.br/1606647058708790>

Livre-docente pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Professora titular emérita da PUCSP e professora aposentada da USP.